



Entre utopias e heterotopias: Agricultura de Proximidade das AMAPs/CSA Portuguesas¹

Caroline Paschoal Sotilo²

ESPM/ MNEMON (PPGCOM/ESPM/CNPq)

Cynthia Luderer³

Universidade do Minho, Portugal

Resumo

Este trabalho parte das discussões e leituras propostas pelo grupo de pesquisa MNEMON (PPGCOM/ESPM) em parceria com a Universidade do Minho, Portugal e tem o propósito de analisar as mensagens que promovem as propostas de uma AMAP/CSA portuguesa. Essas associações agrícolas apresentam um programa agroecológico paradigmático em relação ao consumo alimentar. As questões que direcionaram este estudo buscaram responder quais os discursos empregados por essa associação para promover os seus princípios e se sua essência seria utópica e/ou heterotópica. O *corpus* selecionado foi um folheto da AMAP/CSA, recém divulgado, e os recursos teóricos e metodológicos foram amparados na análise do discurso e na semiótica da cultura. Verificou-se que essa associação traz em seus discursos as marcas textuais, que evidenciam promessas vinculadas à dicotomia campo-cidade, que permanecem irresolutas. Ainda salienta-se que uma AMAP/CSA apresenta-se como uma heterotopia, ou melhor, uma utopia situada.

Palavras-chave: campo-cidade; memória, consumo alimentar; agroecologia.

Introdução

A pluralidade de códigos que se enlaça em torno do consumo alimentar instiga e potencializa a reflexão sobre a comida como um bem imaterial, um aspecto que está além do seu entendimento como uma força da cadeia produtiva. No entanto, no cotidiano, o alimento se sobressai por estar vinculado à dinâmica que o qualifica como mercadoria. Nesse sentido, os especialistas do mercado, que agem em função de seus propósitos, por terem em vista os seus limitados desígnios, beneficiam-se ao tratá-lo como tal (Douglas & Isherwood, 1990).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 5 - Comunicação, Consumo, Memória. Cenas Culturais e Midiáticas, do 8º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado de 13 a 15 de outubro de 2021.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e integrante do Grupo de Pesquisa MNEMON, Memória, Comunicação e Consumo (PPGCOM/ESPM/CNPq). carolinesotilo@gmail.com

³ Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), do ICS da Universidade do Minho, Portugal. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Brasil. cynthialud@gmail.com. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para Ciência e a tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

O alimento é um bem essencial para a sobrevivência humana e essa veemência discursiva tem surgido como um dispositivo em torno de questionamentos que o impele ao modelo impingido pelo mercado que o explora. Inclusive, a *Associação pela Manutenção da Agricultura de Proximidade (AMAP)*, escolhida como objeto deste estudo, é um exemplo que leva entre seus princípios a defesa que “os alimentos não são mercadoria”.

A AMAP é a nomeação de origem francófona da versão anglófona CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) e, em Portugal, as duas siglas se coadunam e são movidas pelo mesmo fim: manter o produtor e o consumidor unidos pelo alimento. Surgem muitas indagações a respeito desses núcleos diante o paradigmático papel que ocupam em relação às suas propostas em torno do consumo alimentar, inclusive, das possíveis utopias demandadas por essas associações. Nesse sentido, com vista ao campo das ciências da comunicação, coube para este estudo buscar respostas para a seguinte questão: Quais os discursos empregados pela AMAP/CSA para promover os princípios movidos por essa associação? Seriam eles utópicos e/ou heterotópicos?

Um aspecto relevante para respondê-las é perceber que uma AMAP/CSA tem em seu gene o interesse em vincular dois grupos, o da produção e o do consumo, subentendidos como pólos distintos, no entanto, ambos estão voltados para o mesmo interesse: o alimento. Ter em voga esse diferencial reforça o objetivo deste estudo: o de analisar as mensagens que promovem as propostas de uma AMAP/CSA. Para tanto, foi pertinente escolher um *corpus* que indicasse tais fundamentos.

As sete AMAP/CSA que há em Portugal atualmente divulgam suas ações por meio de diversos recursos comunicacionais. Além do próprio site, os membros se comunicam e enviam mensagens por meio de diferentes canais, como: emails, newsletter, Facebook, Instagram, WhatsApp e folhetos⁴. Cada veículo apresenta dinâmicas próprias que atende distintos agentes e interesses. Dado o propósito deste trabalho, foi pertinente escolher como *corpus* um folheto, recém elaborado, o qual apresenta, para um público mais amplo, os princípios das AMAP/CSA.

A análise desse folheto foi desenvolvida com o recurso da análise do discurso, pois esse apoio teórico metodológico contribui para compreender que “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido

⁴ Há uma rádio alternativa Manobras, do Porto, mantém o programa “O som é a enxada”, o qual apresenta várias edições tematizadas nas ações desenvolvidas pela AMAP/CSA (Moreira & Almeida, 2020).



particular do mundo” (Charaudeau, 2009, p. 19). Por sua vez, as imagens ilustradas nesse material de divulgação também se inserem nesse compêndio, pois elas fazem parte do repertório para se compreender, de modo crítico, os fragmentos narrativos expressos nesse suporte comunicacional.

É relevante ponderar que esse cenário se enreda em um contexto cultural e comunicativo, quer pelo tema que cerca uma AMAP, a alimentação, ou pelos agentes que movem essa causa. Com isso, é pertinente entender a conexão desses elementos e seus códigos como um texto.

Tal relação está amparada em Lotman (1996), quem defende um texto como “um complexo dispositivo, que guarda variados códigos, capaz de transformar as mensagens recebidas e gerar novas mensagens” (p. 56). Ainda amparado nesse autor, considera-se que esse texto esteja vinculado a um sistema semiótico, desse modo, há uma semiosfera onde acontece a semiose, vinculada ao continuum e dinâmico mecanismo da vida social.

Também é relevante dizer que os códigos de comunicação que envolvem uma AMAP seguem em consonância com a memória, pois entende-se a dinâmica dessa associação como uma representação de outros textos culturais, ou seja, trata-se de um grupo que (re)organiza códigos e gera novos signos.

Ao examinar os princípios defendidos por uma AMAP/CSA, sob a sombra desses limiares, é que se pretende contextualizar a sua aproximação com o que se mostra como utopia (More, 1999) e/ou heterotopia (Foucault, 2015).

Além desses agendamentos, com este trabalho se pretende ampliar as questões que são debatidas no Grupo de Pesquisa MNEMON, Memória, Comunicação e Consumo (PPGCOM/ESPM/CNPq/) e, mais especificamente, seguir ao encontro do projeto Memórias do Futuro, Códigos e Consumos: Teatralidades Steams, textos e espaços, proposto e coordenado pela profa Dra Mônica Rebecca Ferrari Nunes, vinculado ao MNEMON.

AMAPs /CSA: Uma Representação de Semiosfera

Há diversas expressões signicas comunicacionais no seio da agricultura que exprimem um conjunto de mensagens (Levis-Strauss, 2004). Ao voltar os olhos para as dinâmicas de um pequeno agricultor, confere-se, por exemplo, que além dos primários

afazeres voltados à plantação, cabem a ele atividades e em suas rotinas que estão além das relacionadas aos gestos manuais.

O processo do escoamento dos itens produzidos é um exemplo, assim como dos seus dejetos. Inclusive, em relação ao ciclo da agricultura, cabe pensar no desperdício de alimentos como uma consequência que, por sua vez, tem sido salientado em diferentes debates. Frentes internacionais levantam essa bandeira e as expressam em diferentes propostas, como visto nos princípios almejados pelos 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 (UN, 2015). Esse documento, que tem se tornado referência para diferentes setores, explicita essa questão na meta 12.3: “reduzir as perdas de alimentos ao longo das cadeias de produção e abastecimento, incluindo as perdas pós-colheita”.

Uma produção devidamente escoada contribui para manter os três pilares da sustentabilidade ativos, pois, a princípio, evita instabilidades econômicas para os produtores, contribui para diminuir um consequente mal-estar social em diferentes instâncias e ameniza a pressão sobre o uso dos recursos naturais. Ainda ameniza a possível pressão pela qual passa o agricultor, quem, diante uma produção excedente, acaba por ficar à mercê do comércio tradicional de alimentos, vinculado às grandes superfícies, que estipulam valores e prazos que atendam aos seus próprios interesses. Esse modelo, por considerar os alimentos como objeto mercadológico, apresenta-se como uma das queixas mais substanciais destacadas pela voz dos agricultores⁵.

Com vista às devidas preocupações com as mudanças climáticas, ter um plano para a produção de alimentos, que evite o desperdício, apresenta-se como um caminho a ser abraçado (FAO, 2019). Nesse sentido, pode-se inferir que uma AMAP/CSA agrega valor para melhorar esse cenário, pois faz parte da dinâmica de seu funcionamento um planejamento com a previsão da produção, que estará relacionada com as solicitações antecipadas dos seus consumidores, ou melhor, dos seus co-produtores.

A relação entre os produtores e os co-produtores nessa rede está implicada em um desenvolvimento solidário, e apresenta paradigmas de trocas distintos dos praticados no mercado. A uma AMAP/CSA cabe ser mantida uma relação “direta entre um grupo de consumidores e um ou mais produtores, que partilham os riscos, responsabilidade e recompensas inerentes à atividade agrícola” (Moreira & Almeida, 2020, p. 101). Desse

⁵ Salienta-se que esta afirmação está sustentada em mais de uma dezena de entrevistas e depoimentos em webinars, atividades essas relacionadas a outro estudo em desenvolvimento, o qual cabe a investigação em campo como parte da metodologia. Essa proposta pode ser conferida em <http://repositoriu.m.sdum.u.minho.pt/handle/1822/60254>.

modo, organiza-se uma relação sem intermediários, que move um exercício de confiança por parte de todos os atores envolvidos e, acima de tudo, propõe um viril desafio de desprendimento de modelos do mercado.

Como explicitado por Pinto (2020), a ligação entre os agentes está calcada nos princípios de uma “relação de igualdade e partilha, próxima e solidária” (p. 50), prevista nos três princípios defendidos por essa rede, o da:

- i. agroecologia: com vista ao aumento da população do planeta, prima-se pela biodiversidade e por práticas que escapem dos recursos químicos, assim como voga-se pelo direito de uma alimentação saudável para todos;
- ii. escala humana: quer a nível de produção ou distribuição, visa o desenvolvimento de uma economia de proximidade, prevendo-se os riscos e as recompensas para todos os agentes envolvidos, assim como a preocupação por um exercício de resiliência e respeito pelo ambiente, incluindo os animais;
- iii. alimentação como bem-comum: que defende o exercício da alimentação como um ato cultural e de direito fundamental, implicando o princípio de co-responsabilidade de todos.

Essas premissas estão relacionadas a uma dinâmica própria e contribuem para reconfigurar um modelo de consumo de alimentos, presente no cotidiano, inserido nos anos de 1960 pelos supermercados (McClelland, 1962). As diferentes promoções, que instigam o consumidor a visitar as grandes redes na hora que lhe convier, para encontrar à sua disposição uma variada gama de produtos para manusear e escolher, é antagônico ao apresentado pela AMAP/CSA.

Um co-produtor dessa associação é cerceado por uma rotina: em cada estação do ano se compromete a consumir os produtos dos agricultores vinculados à sua rede; terá que cumprir uma rotina semanal para buscar os alimentos, que ficam disponibilizados em um lugar específico e por um limite de tempo próximo a um par de horas; a variedade ofertada estará implicada à sazonalidade e ao que seja viável produzir na região. No caso das intempéries, assumirá o risco com o produtor, e no período da bonança será mimado com a entrega de produtos extras.

Essa relação entre eles, cercada de dinâmicas que ocorrem em torno dessa associação, apresenta-se como um dispositivo para a inserção de novos textos que se inserem na cultura como: o compromisso do co-produtor com o agricultor; as ações voluntárias entre os pares nas diferentes situações oportunas; o exercício do vínculo com o alimento a partir de sua sazonalidade; a sensibilização dos agentes em torno da



sustentabilidade ambiental, social e econômica; os códigos próprios, vinculados à linguagem desenvolvida na interação desse grupo, entre outros.

Ao conceber esses traços, e relacioná-los ao conceito de semiosfera (Lotman, 1996, p. 12), pode-se perceber uma AMAP/CSA como tal, pois, esse grupo aplaina um conjunto de códigos próprios geradores de sentido diante a dinâmica cultural. Também apresentam um mecanismo de linguagem distinto, vinculado a uma esfera semiótica, construindo limites socioculturais e ideológicos, mas que interage com outros sistemas⁶. Trata-se de um núcleo que apresenta sistemas sígnicos, que processam mensagens e novas informações na cultura.

O folheto recém lançado pela associação, selecionado como corpus deste trabalho, apresenta narrativas que contribuem para elucidar as singularidades e premissas dessa associação, que indicam seu pertencimento como uma semiosfera no campo cultural.

O Campo e a Cidade: Memória Cultural

A primeira mensagem que salta os olhos ao manusear o folheto da AMAP/CSA (FIGURA 1) é o contorno de uma mão⁷ com imagens de verduras, legumes, frutas e um gato, atento, a observar toda essa profusão de cores, formas, volumes e aromas. Esses elementos expostos sobre um piso em tons de terra, com acabamento em ladrilhos, em formato geométrico, remetem a um mosaico, que evoca a um contexto do mundo rural.

Esses signos visuais expressos no folheto da AMAP/CSA são passíveis de serem vistos nos mais variados movimentos, associações e comunidades agrárias, bem como em panfletos, cartazes, ilustrações, propagandas e registros fotográficos sobre o homem e a vida no campo. Associa-se a mão ao trabalho, à força e à luta, já os alimentos, ao campo, à terra/chão e à vida saudável/sustentável. A temática do campo insere-se na cultura, encontra-se na literatura, no audiovisual, na música, na poesia popular e entre tantos outros⁸.

Por vezes, essas referências campesinas podem ser o Outro para um cidadão, habituado aos cimentos armados urbanos. No entanto, de acordo com as vozes dos

⁶ Os agentes de uma AMAP/CSA interagem com outras superfícies vinculadas ao mercado por diferentes necessidades, pois a rede não está isolada de outros sistemas e transita por eles. Os produtores ou co-produtores consomem e/ou oferecem produtos em outras espacialidades, como nas feiras, por exemplo.

⁷ Em outra parte do folheto aparece a foto de uma mão segurando um cartaz com os seguintes dizeres: “pela soberania alimentar”. Aqui já é outra mão, fotografada e não contornada, com destaque para a pulseira artesanal que envolve o pulso do manifestante.

⁸ Como na sociologia e na antropologia.



agricultores, ouvidas na investigação em campo, confere-se que com a pandemia da covid-19 houve uma aproximação desses dois elos, relacionada ao aumento da procura por produtos do campo. Pode-se inferir que essa busca está em consonância com a utópica “grande saúde”, referenciada por Lucien Sfez (Freire, 1996), pois o consumo de alimentos orgânicos e hábitos saudáveis estão vinculados ao ideal de uma saúde perfeita.

Essa pandemia retoma a oposição entre campo e cidade, os impasses e conflitos dessa relação. De um lado uma cidade por vezes caótica, desigual e com elementos (e excessos) visuais por ela aturridas, do outro, a idéia de um campo bucólico, sereno, definidor de paz onde se encontra a saúde e o bem-estar. Cenários que se contrapõem e indicam conquistas e promessas.

Essa relação campo-cidade possui características inerentes. Em Portugal, por exemplo, a concentração da população está no litoral, nas áreas metropolitanas e nas capitais dos distritos; no surto emigratório ocorrido no país depois da Segunda Guerra Mundial, assim como outros aspectos apontados por Rui Jacinto (2021), que revelam a (des)ocupação das terras lusitanas:

(...) a crise internacional (1973), concomitante da mudança política ocorrida em 1974 [república], e de subsequente queda do império, que fizeram abrandar a emigração internacional, sobretudo para os destinos então típicos (França e Alemanha), e o conseqüente retorno abrupto de um fluxo de mais de meio milhão de portugueses provenientes das ex-colónias [em África]; (iv) a adesão à CEE [Comunidade Econômica Europeia] (1986) e a tímida prosperidade, verificada nos anos imediatos que mudaram, paulatinamente, os fluxos migratórios, ao ponto de alterar o paradigma, levando ao aparecimento dum novo discurso que anunciava que Portugal havia deixado de ser um país de emigração para se tornar num país de imigração; (v) a apregoada globalização, que cavalgou os anos 90 e havia de invadir as primeiras décadas do século XXI, acabaria por desaguar na crise [econômica] que se inicia em 2008 e na emergência dum novo surto emigratório, que atingiu um valor máximo em 2013, quantitativamente semelhante ao que se havia verificado em 1969, embora qualitativamente distinto, por envolver predominantemente população jovem relativamente qualificada. (p. 13)

Segundo Jacinto (2020), o impacto desses processos, reforçou um abandono das áreas rurais. “Tais periferias sentem-se, assim, mais longe da vista e voltadas a um esquecimento que lhes subtrai a mais ténue expectativa de sonho e de futuro, debilitando a já depauperada autoestima e reduzindo drasticamente o horizonte de esperança”.(p.13)

As promessas relacionadas ao campo e a cidade atravessam Portugal, se apresentam em outros lugares. Para Jerusa Pires Ferreira (1999) é mais interessante pensar na relação campo-cidade em termos móveis. Ao problematizar e trazer a complexidade dessa relação à autora explora em diversas épocas os textos de poetas e

criadores, dos experimentalistas e contemporâneos aos populares. Ela cita obras como *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, ou ainda na voz de Elomar ou do poeta Cego Aderaldo, chega aos portugueses, com *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz, *Viagem à minha terra*, de Almeida Garret, passa por Sá de Miranda, Gil Vicente até a obra *Apolos diagonais* (“relógios da cidade” e “relógios da aldeia”), de D. Francisco Manuel de Melo.

As concepções da vida rural também se expressam na literatura inglesa. Na obra *O campo e a cidade*, Raymond Williams (1989), apresenta esses dois termos e conceitos. O campo idealizado como o lugar do repouso e idílico, como na literatura grega bucólica (pastores e flautas) ou ainda ligado à idéia de *aurea mediocritas* (*mediania serena*)⁹. Essas representações textuais indicam “que há tantos campos quanto complexas teias que conduzem dos campos à cidade”. (FERREIRA, p.51). Nesse sentido, cabe ressaltar os movimentos sociais nessa seara, pois eles demonstram o *grande movimento fluxo* do qual trata a autora. Inclusive, esse repertório movente é expandido para além mar. O Brasil, por exemplo, que mantém o modelo das CSA há dez anos, é buscado como referência entre os lusitanos.

Essas trocas são expandidas pelos meios de comunicação, que incluem novas promessas, mediam e ao mesmo tempo faz circular os textos culturais que incluem o campo (felicidade/miséria) e a cidade (sonho/perdição). Nesse sentido, Ferreira (1999) destacou o papel da televisão, contudo, nos dias atuais, há muitos outros para construir e fortalecer essa idéia dicotômica de campo-cidade, e nem sempre dão conta de mostrar a *circulação, a movência e o estado de permanente fluxo* dessa relação antropológica.

A mobilidade dos conceitos e a dinâmica da relação campo-cidade entrelaçam-se na memória cultural presentes nesse emaranhado de textos, inclusive, “el texto cumple la función de memoria cultural colectiva” (LOTMAN, 1998, p. 80). O campo está na cidade e a cidade está no campo. São memórias de um tempo e espaço que se presentificam na hora do preparo dos alimentos, no cardápio dos restaurantes e nas práticas culturais cotidianas, mesmo para aqueles que nunca viveram no e do campo. Tais marcas textuais aparecem na comunicação da AMAP, CSA que de um lado presentifica a memória do campo e seus imaginários e do outro traz o projeto político

⁹ São vários os *Campos* na literatura que vão da imagem romantizada, bucólica ao anti-bucolismo. Exploração e miséria, concentração de riquezas nas mãos de proprietários de fazendas. Já o século XIX tornou-se o tempo da *Cidade*, nela tudo era funcional, eficiente e padronizado ou o caos, o acinzentado e a apatia. Também associada ao desenvolvimento tecnológico, à ficção científica, bem como a solidão em meio à multidão. Temos belíssimos exemplos nas artes, da pintura ao cinema.

(social e econômico) para o centro do debate, destacando-se questões de uma realidade “antiga” e “atual”, passado e presente, a promessa de um projeto de campo e de cidade que não se cumpriu.

Essa relação é desafiadora e complexa a ponto de se materializar na última aba do folheto analisado neste estudo onde está ilustrado o contorno do mapa de Portugal e os ícones que indicam a localização das associações das AMAP/CSA que há no país (FIGURA 11 e 12). Observa-se o centro do mapa “vazio” e os extremos com mais pontos de localização. Percebe-se a necessidade de expansão para áreas com mais densidade populacional, os chamados “grandes centros”. Se não houver cidades, não há movimento que se sustente e as mudanças permanecerão nas promessas. É na cidade que está o consumidor e o campo só existe se tiver cidade. Por outro lado, tais movimentos reivindicam a proximidade campo-cidade, como se verá a seguir.

Agricultura de Proximidade: “Os Alimentos Não São Coisas”

No folheto de apresentação da AMAP/CSA destaca-se, logo nas primeiras páginas desse desdobrável, a imagem de duas placas (FIGURA 2 e 3), um símbolo que remete à manifestações, com as palavras de ordem, que se complementam: “os alimentos não são coisas” e “os alimentos também são sabores e afetos”. Agrega-se a essas mensagens um texto explicativo que destaca a frase que indica o mote desse movimento: “modelo agrícola de produção e consumo cooperativo e solidário em Portugal”. (FIGURA 3)

Pensar nesse modelo proposto diante do excessivo consumismo da atualidade, que insere os alimentos como simples produto exposto numa prateleira de supermercado mostra-se desafiador e parece caminhar na contramão. Por outro lado, com a pandemia da covid-19, agregada à tônica das questões da crise ambiental, o cenário campesino, e sua natureza imanente, antes restrito a pequenos grupos, mostram-se mais próximo do consumidor. Nesse sentido, agrega-se um movimento cooptado por conglomerados, como de multinacionais, por exemplo, que, por meio da publicidade e do marketing, distorcem esses ideais pela prática *dogreenwashing*, o que contribui para o risco de esvaziamento dessas idéias levantados pelos grupos mais engajados nas causas ecológicas e sociais (ZANASI et al, 2017).

Diante desses desafios, pensar nos três pilares propostos pela AMAP/CSA - o da agroecologia, da escala humana e do alimento como bem comum (FIGURA 4)- remete



à relação campo-cidade e da proximidade desses dois pólos. Por sua vez, Barracosa (2020) ressalva essa questão:

A recente publicação do estatuto de Agricultura Familiar¹⁰ e a tendência em incentivar a produção e o consumo apelidado de “quilómetro zero”¹¹, mesmo pelas cadeias retalhistas, são sinais que apontam numa visão de estratégias de futuro que privilegiem a proximidade física e afetiva limitando o uso de recursos dispendidos em transporte. (...) São estes exemplos que nos fazem acreditar, ainda mais, nos serviços e práticas em proximidade como tendência de futuro (p. 113-114)

Esse tópico da proximidade retoma os dizeres do folheto da AMAP/CSA que enfatiza a “relação directa, sem intermediários, agricultura de escala humana, menos quilómetros percorridos: alimentos mais frescos, vida digna para os agricultores” (FIGURA 4). Mais do que a redução da distância entre o consumidor e o produtor, essa mensagem indica que há uma aproximação entre esses agentes, e uma conseqüente relação de afeto entre eles por meio do alimento. Esse repertório vai ao encontro das premissas defendidas pelo modelo da agricultura familiar, que “(...) pode responder aos desafios que se colocam a uma sociedade tendencialmente globalizante mas que se quer sustentável, criando laços de proximidade e de confiança entre produtores e consumidores” (BARRACOSA, 2020, p. 113). No mais:

A agricultura familiar produz mais de 80% da comida mundial e ao mesmo tempo aumenta a sustentabilidade ambiental da agricultura, preserva e restaura a biodiversidade e os ecossistemas, fornece alimentos tradicionais e nutritivos e contribui para possibilitar dietas equilibradas e manter o património cultural nas áreas rurais.(FAO, 2019)

Nesse sentido, a agricultura familiar está associada à pluriatividade e ao plurirrendimento, enquanto Outros primam pelo plantio de uma única cultura ou criação, que acarreta diversos problemas ambientais como o empobrecimento do solo, o desmatamento e a redução da biodiversidade.

Ao conferir o folheto da AMAP/CSA percebe-se que essa tônica do modelo da agricultura familiar está inserida no conceito dessa associação. Já que a experiência não está na compra, mas na relação direta com o produtor, o laço de confiança entre os pares é revelado. Co-produtor é a nomenclatura usada para se referir ao consumidor, o que significa “subscrever uma quota regular [que] representa deter uma fracção de toda a

¹⁰ Estatuto disponível em: <https://www.dgadr.gov.pt/50-agricultura-familiar/774-estatuto-de-agricultura-familiar>. Acesso em: 05 de agosto de 2021.

¹¹ Esse movimento, associado ao movimento *slow food*, é originariamente vinculado aos ecochefes que pregam o uso de ingredientes “que tenham sido produzidos num raio máximo de 100 quilómetros do restaurante” (Luderer, 2013, p. 247). Atualmente se confere essa prática como uma tendência e a apropriação do km 0 por meio de produtos comercializados nos supermercados. (Hernández Zambrano, 2019).

produção (...)” (FIGURA 8), além de, por meio desse exercício, conhecer a procedência do alimento e respeitar a sua ciclicidade.

O co-produtor ao se envolver com as etapas do projeto se aproxima afetivamente dos alimentos e os aceita, ainda que esteja fora de seus padrões estéticos, e valoriza suas cores, sabores e aromas vinculados a cada estação. Recebe do produtor o que se tem e não o que se quer. A parceria é construída numa relação justa em que o trabalho do produtor é valorizado.

Os dizeres em outra placa do folheto enunciam essa confluência: “muito mais do que um cabaz”¹² (FIGURA 7). Essa máxima é justificada como um argumento diante a proposta narrada no desdobrável ao tratar do comprometimento dos agentes de uma AMAP/CSA com a “criação de um sistema alimentar mais verdadeiro e responsável”, o qual mantém uma “relação directa de escala humana, onde os riscos, responsabilidades e recompensas inerentes à produção agrícola são partilhados ao longo do tempo” (FIGURA 7). Esses códigos indicam uma linguagem que assumem os moldes de um manifesto, com palavras de ordem que se destacam e se posicionam em termos absolutos, como se verifica na frase “sistema alimentar mais verdadeiro”.

Esse exercício de partilha transforma a lógica do consumo e convoca o sujeito a desenvolver uma relação com o alimento, inserindo-o no seu cotidiano, e criando possibilidades para explorar as potencialidades de seus sabores e afetos. Essa peculiaridade pode ser conferida numa pequena jóia apresentada por Benjamin (1987), que retrata a sua experiência *flânerie* pela cidade, ao degustar uma sopa servida por uma senhora italiana:

No meio de um vapor de alho, feijões, gordura de carneiro, tomates, cebolas, azeite, apareceu-me a mão categórica, da qual recebi uma colher de estanho. Agora, os leitores hão de pensar que, ao engolir aquilo, a náusea deve ter me sufocado e que o estômago deve ter tido a maior pressa em devolver aquela papa. Quão poucos conhecem, então, a magia da comida, e quão pouco eu mesmo sabia até aquele instante de que falo aqui. Provar aquilo não foi absolutamente nada, era apenas a transição decisiva, insignificante entre estas duas coisas: primeiro cheirá-la e depois, contudo, tomado por ela, ser calcado totalmente, dos pés à cabeça, amassado por aquela comida, como que agarrado pelas mãos dessa velha meretriz, espremido e esfregando com seu sumo – o sumo da comida ou o da mulher, já não saberia dizer. (p. 218)

Essa “magia da comida”, que está no aroma, no gosto e na experiência arrebatadora entre o desconhecido e o familiar, acima de tudo, convoca a memória. Há

¹² O termo cabaz significa cesta básica.



outros relatos de Benjamin sobre a comida que indicam a intrínseca relação da memória no contexto da alimentação, como no texto *Omelete de amoras*¹³.

Entre Utopias e Heterotopias: Algumas Considerações

Ao ter em voga quais os discursos empregados pela AMAP/CSA, conclui-se, a partir da análise do folheto, que as marcas textuais, presentes em sua narrativa, evidenciam promessas vinculadas à dicotomia campo-cidade que permanecem irresolutas, como a falta de reconhecimento da mão de obra do agricultor ou ainda, a ausência do campo na cidade (mapa de Portugal). Os signos culturais do campo são reforçados pela cor marrom e verde e por símbolos que reluz o imaginário das representações camponesas, como uma folha, as cestas e as verduras. Enquanto a cidade é materializada pelas placas que indicam palavras de ordem e reivindicações, similar as usadas por manifestantes urbanos.

Essas marcas são frutos dos textos culturais que envolvem os projetos, as promessas e os imaginários, que circulam em torno da relação campo-cidade, e permeiam o sujeito inserido na semiosfera. Por sua vez, ao pensar na narrativa de Thomas More (1999) percebe-se marcas desses textos em sua obra, as quais vão além do conceito de utopia. Trata-se de um contexto que se repete e indica questões sociais irresolutas na relação campo e cidade.

Pensar numa AMAP/CSA como utópica no sentido lato, ou seja, de “uma sociedade [de] imaginários em que tudo está organizado de uma forma superior e perfeita”¹⁴, é ingênuo e simplista. Por sua vez Foucault defende que o termo utopia deveria ser reservado “para o que verdadeiramente não tem lugar algum” (p. 21), um ponto a reforçar a máxima que uma AMAP/CSA esgueira-se de ser utópica.

No entanto, pode-se afirmar sua condição heterotópica, pois se trata de uma utopia situada, dado essa associação não estar fechada para o mundo exterior e criar uma ilusão que denuncia o resto da realidade. Para Foucault (2015), todas as sociedades apresentam suas heterotopias e em variadas formas, e “tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (p.24).

¹³ Uma fábula que relata um diálogo entre o rei e o cozinheiro que enfatiza os sabores experienciados na tenra infância (BENJAMIN, 1987)

¹⁴ Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/utopia>>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.



Desse modo, tratar da AMAP é pensar em questões que estão além de ser ou não um projeto utópico, é levantar a poeira sobre problemas aderentes ao campo e a própria alimentação e imaginar um futuro. Para tanto, é passível convocar a imaginação mnemônica a qual segundo Keightley e Pickering (2012), é “geradora da ação que permite que a continuidade com o passado seja alcançada, ao mesmo tempo que permite o acúmulo de novas experiências e a sensação de que isso contribuirá para uma história que ainda está se desenrolando” (p. 63, tradução dos autores)¹⁵.

Referências

BARRACOSA, Paulo. **Cultivar laços de confiança e afetividade no seio de uma agricultura familiar que se quer de cariz biológico.** In Cristina Amaro da Costa (coord.) Pontes entre a Agricultura Familiar e Agricultura Biológica. Iberografias: 37 (p. 101-104). Centro de Estudos Ibéricos, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol. II.** São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

DOUGLAS, Mary, ISHERWOOD, Baron. **El mundo de los bienes: hacia una antropología del consumo.** México: Editora Grijalbo, 1990.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Campo e cidade: uma história na voz de poetas e de seus protagonistas.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC-SP. São Paulo, p. 45 – 58, (19), nov. 1999.

FREIRE, Vinicius. **A grande saúde.** Folha de São Paulo, caderno MAIS. 1996, abril 7. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/07/mais!/3.html>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, As heterotopias.** São Paulo: Institut Français, 2015.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Reduzir a perda de alimentos e o desperdício ajuda a lidar com as mudanças climáticas.** 21 ago. de 2019. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1205347/>. Acesso em: 31 de julho de 2021.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Década das Nações Unidas para a Agricultura Familiar.** 11 abr. de 2019. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1190270/>. Acesso em: 31 de julho de 2021.

HERNÁNDEZ Zambrano, Alberto. **Cocina Km 0, nueva tendencia culinaria.** Gestipolis. 29 abr. de 2019. Disponível em: <https://www.gestipolis.com/cocina-km-0-nueva-tendencia-culinaria/>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

¹⁵ “The concept of the mnemonic imagination provides us with a way of thinking about the relationship between understandings of the past, our actions in the present and our ambitions for the future. In doing so, we can posit the mnemonic imagination as generating the action which allows continuity with the past to be achieved while also allowing for the accumulation of new experience, and the sense that it will contribute to a story that is still unfolding.”



JACINTO, Rui. **O rural e a agricultura: das ausências à geografia da esperança**. In Cristina Amaro da Costa (coord.) *Pontes entre a Agricultura Familiar e Agricultura Biológica*. Iberografias: 37 (pp. 101-104). Centro de Estudos Ibéricos, 2020.

KEIGHTLEY, EMILY, PICKERING, MICHAEL. **The Mnemonic Imagination. Remembering as Creative Practice**. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido. Mitológicas 1**. São Paulo: CosacNaify, 2004.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I; Semiotica de la cultura y del texto**. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera II; Semiotica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio**. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1998.

LUDERER, C. **O papel dos chefs celebridades na construção do espetáculo da alimentação: análise discursiva das revistas de gastronomia de luxo**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4549?mode=full>.

MCCLELLAND, W. **The Supermarket and Society Social Review**. London: Sherratt&Hughes, 1962. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1962.tb01106.x>. Acesso em: 06 de agosto de 2021.

MORE, Thomas. **Utopia**. George M. Logan, Robert M. Adams (org.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Sara; Almeida, Filipa. **O som é a enxada: Promover a agricultura de proximidade através de uma rádio comunitária**. In Cristina Amaro da Costa (coord.) *Pontes entre a Agricultura Familiar e Agricultura Biológica*. Iberografias: 37 (pp. 101-104). Centro de Estudos Ibéricos, 2020.

PINTO, Liliana. **Um caminho de cura do nosso planeta**. In Cristina Amaro da Costa (coord.) *Pontes entre a Agricultura Familiar e Agricultura Biológica*. Iberografias: 37 (pp. 49-53). Centro de Estudos Ibéricos, 2020.

UNITED NATIONS. **Sustainable Development Goals: 17 Goals to transform our world, 2015**. Disponível em: www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/. Acesso em: 30 de julho de 2021.

ZANASI, Cesare. *et al.* **An Assessment of the Food Companies Sustainability Policies Through a Greenwashing indicator**. Disponível em: <https://doi.org/10.18461/pfsd.2017.1707>. Acesso em: 06 de agosto de 2021.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Figura A e B - Folheto da AMAP/CSA Portugal




3 princípios fundamentais

AGROECOLOGIA

Resgate do saber dos sistemas de produção sustentáveis

- Para uma alimentação saudável para todos
- Para a promoção da biodiversidade
- Para a soberania alimentar
- Para o respeito pelos ecossistemas naturais

PROXIMIDADE

Solidariedade e valorização da agricultura local

- Relação directa, sem intermediários
- Agricultura de escala humana
- Menos quilómetros percorridos: alimentos mais frescos
- Vida digna para os agricultores

ALIMENTO COMO BEM COMUM

Comum é o que diz respeito a todos e deve ser gerido em comunidade

- A alimentação é um acto social, político e cultural
- Não vendemos mercadoria nem comemos coisas
- Co-responsabilidade de todos na produção, distribuição e consumo
- Tomadas de decisão locais e colectivas

AMAP
ASSOCIAÇÕES PARA A MANUTENÇÃO DA AGRICULTURA DE PROXIMIDADE

CSA
COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA

os alimentos não são coisas

os alimentos também são sabores e afectos

ALIMENTOS QUE CONTAM HISTÓRIAS COLECTIVAS

AMAP e CSA são dois nomes para um objetivo comum: desenvolver e disseminar o modelo agrícola de produção e consumo cooperativo e solidário em Portugal. Consumidores e produtores unidos pelo cultivo de alimentos saudáveis e por uma vida mais digna para quem produz aquilo que nos alimenta de uma forma sustentável e regeneradora dos ecossistemas.

para soberania alimentar

"A Soberania Alimentar tem a ver com ganharmos de novo controlo sobre aquilo que comemos, quem o produz, como é que o produz, e o que é que acontece com os lucros."
(declaração europeia solihon 2015)

Muito mais do que um cabaz de hortícolas entregue ao domicílio...

Como funciona?

As AMAP/CSA assentam numa relação directa de escala humana, onde os riscos, responsabilidades e recompensas inerentes à produção agrícola são partilhados ao longo do tempo.

Tomamos o ato de compra consciente das consequências na economia local e no mercado global, comprometido com a criação de um sistema alimentar mais verdadeiro e responsável. Defendemos uma escolha informada num sistema alimentar de participação colectiva.

Como participar?

- **COMO CONSUMIDOR (co-produtor):** gostarias de subscrever uma quota regular ou simplesmente experimentar esta vivência colectiva? Procura a AMAP/CSA mais perto de ti e entra em contacto se quiseres fazer parte.
- **COMO PRODUTOR:** se queres saber como fazer parte do grupo de produtores entra em contacto com a AMAP/CSA mais perto de ti.
- **COMO VOLUNTÁRIO:** para conhecer e participar dos programas de voluntariado das AMAP/CSA, envia um email para: amixpdsasamap@gmail.com

economia local justa e solidária

As AMAP/CSA fazem parte da **REGENERAR - Rede Portuguesa de Agroecologia Solidária**.
rederegenerar@gmail.com

amapmovincouse.org/

facebook.com/amappt
 instagram.com/amappt

Benefícios

Produtores:

- Planeamento das colheitas
- Contacto directo com os consumidores
- Rendimento digno e estável
- Circuito de distribuição alimentar mais racional
- Menos desperdício alimentar
- Os agricultores podem concentrar-se na produção, não gastando energia nos mercados, na comercialização e na gestão de encomendas pontuais

Co-produtores (consumidores):

- Consumo de alimentos locais e frescos
- Alimentos biológicos produzidos segundo princípios da agroecologia
- Preços justos que apoiam directamente o agricultor
- Ligação directa com os produtores dos alimentos consumidos diariamente.
- Informação e participação na cadeia alimentar

Comunidade:

- Reconexão com os ecossistemas
- Sustentabilidade alimentar
- Economia solidária e afectiva
- Desenvolvimento local
- Responsabilidade ambiental

Mapa de Portugal:

NORTE

- AMAP Guimarães: Desincoop / Casa de Dardos (E-mail: silvaresiqueira@gmail.com)
- AMAP Famalicão: Vilarinho das Cambras (E-mail: chuchubio.ap@gmail.com)
- AMAP Porto: Pavilhão-Jardim UFPEB Baixa (PINC) (E-mail: amapportopino@gmail.com)
- AMAP Gaia: Espaço Metamood (E-mail: amapgaia@gmail.com)

CENTRO e SUL

- CSA Partilhar as Colheitas: Herdade do Freixo do Meio, Montemor-o-Novo (E-mail: csafreixomom@gmail.com)
- AMAP Maravilha: Quinta Maravilha, Palmela (E-mail: quintamaravilha77@gmail.com, Tel: 963 874 296)
- AMAP Sado e Alvalade: Monte Mimo e Cercal (E-mail: mimo@ecobytes.net)

AMAP/CSA Produtores e associados

Figura A – Da esquerda para direita: figura 1, figura 2, figura 3, figura 4, figura 5 e figura 6.

Figura B – Da esquerda para direita: figura 7, figura 8, figura 9, figura 10, figura 11 e figura 12.

¹⁶ Reprodução do folheto elaborado pela AMAP/CSA portuguesa.